

Guerra: a desumanização do homem¹

Henrique Corrêa Lopes ^a

Resumo: A guerra para Aristóteles estava ligada à política e a organização da sociedade, estando associada às metas políticas, como a educação e a preparação militar dos cidadãos de uma cidade-estado, desta forma, em uma síntese aristotélica, a guerra estava ligada a preservação da *polis* e de seus habitantes, um sistema político e ético, uma forma de equilíbrio entre a paz e a defesa. Esse trabalho tem como base a pesquisa bibliográfica, com a análise dos conceitos de guerra e as consequências políticas, econômicas e sociais. A guerra como descontinuidade da política, o fracasso do ser humano e de ser humano. Desta forma, diversos fatores podem influenciar o surgimento de uma guerra, incluindo causas políticas, disputas territoriais, rivalidades étnicas, interesses econômicos e desigualdades sociais, como consequência, impactam significativamente a vida da população civil, levando à perda de vidas, crises humanitárias entre outras.

Palavras-chave: Humanização, Liberdade, Política.

INTRODUÇÃO

A guerra, ao longo da história da humanidade, emerge como uma manifestação extrema das dinâmicas sociais e políticas. Este fenômeno multifacetado transcende fronteiras geográficas e temporais, apresentando-se como um campo de estudo vasto e complexo. Para compreender a

guerra, é imperativo explorar seus conceitos fundamentais, mergulhando nas camadas que delineiam esse fenômeno singular.

Em sua essência, a guerra é um conflito armado entre entidades, sejam elas nações, grupos étnicos ou coalizões, onde as diferenças irreconciliáveis convergem para a utilização da força

^a Historiador e professor, mestre em Humanidades e Linguagens. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



como meio de resolução.

Os motivos subjacentes à eclosão de uma guerra são tão variados quanto à própria natureza humana, abrangendo desde disputas territoriais e rivalidades étnicas até questões ideológicas e econômicas.

A estratégia é um dos pilares essenciais da guerra, representando a habilidade de planejar e conduzir operações militares. A maestria nesse campo envolve a compreensão da geografia, do terreno e das capacidades inimigas.

Estrategistas buscam ganhar vantagem tática, minimizando perdas e maximizando impacto, muitas vezes adotando abordagens inovadoras e imprevisíveis.

Além disso, a guerra não é apenas uma expressão de conflito físico, mas também psicológico e moral. A propaganda, por exemplo, torna-se uma ferramenta crucial, moldando percepções e influenciando a opinião pública. A guerra moderna transcende os campos de batalha tradicionais, estendendo-se aos domínios ci-

bernético e informativo, onde a desinformação pode ser tão eficaz quanto uma ofensiva militar.

No entanto, a guerra não é isenta de dilemas éticos. Questões relacionadas à justiça, proporção e discriminação tornam-se proeminentes, levantando a necessidade de normas e convenções internacionais para mitigar o sofrimento humano durante os conflitos.

O Direito Internacional Humanitário busca estabelecer limites éticos na conduta das partes envolvidas, delineando princípios que visam proteger não combatentes e minimizar o impacto sobre populações civis.

Em última análise, a guerra é um fenômeno intrincado, onde convergem fatores históricos, políticos, sociais e culturais. Seu estudo demanda uma abordagem holística, considerando não apenas os aspectos militares, mas também as ramificações humanas e éticas.

Ao compreender os conceitos que permeiam a guerra, a sociedade pode aspirar a cons-



truir um futuro onde o diálogo e a diplomacia prevaleçam sobre o conflito armado, almejando a paz como objetivo supremo.

A guerra pode ter diversas motivações, como disputas territoriais, interesses econômicos, rivalidades étnicas ou ideológicas. A guerra é um fenômeno complexo com características que podem ser definidas como um conflito armado entre entidades, que pode variar desde confrontos locais até guerras em larga escala envolvendo nações ou coalizões.

Diversos fatores podem influenciar o surgimento de uma guerra, incluindo causas políticas, disputas territoriais, rivalidades étnicas, interesses econômicos e desigualdades sociais. As consequências de uma guerra são vastas e impactam significativamente a população civil, levando à perda de vidas, deslocamento em massa, destruição de infraestrutura, traumas psicológicos e crises humanitárias.

Conceitos que serão descritos a seguir, não para demons-

trar o lado sombrio e triste da guerra e dos conflitos emergentes nos últimos anos, mas um paralelo entre causa e consequência, onde a perda maior é da população.

DISTINÇÕES: GUERRA, CONFLITO ARMADO E REVOLTA

A guerra, a revolta e o conflito armado são resultantes das questões de política, de poder e conquista, evidenciando posteriormente as consequências voltadas para o local do conflito, como por exemplo às perdas humanas, os deslocamentos populacionais, a fome, as doenças entre outras.

Toda a vida se divide entre o trabalho e o repouso, a guerra e a paz, e todas as nossas ações se dividem em ações necessárias, ações úteis ou ações honestas. Devemos estabelecer entre elas a mesma ordem que entre as partes de nossa alma e seus atos, subordinar a guerra à paz, o



trabalho ao repouso e o necessário ou útil ao honesto².

Embora frequentemente utilizados como sinônimos, os termos guerra, conflito armado e revolta carregam significados distintos, refletindo diferentes manifestações de desacordo, violência e instabilidade.

A guerra é um conceito amplo e abrange conflitos prolongados e sustentados entre entidades, frequentemente nações ou grupos de nações e geralmente, as guerras envolvem a mobilização de recursos militares significativos, estratégias elaboradas e uma série de operações em larga escala.

Segundo Clausewitz³ são quatro os elementos que compõem o clima da guerra: perigo, esforço, incerteza e acaso, destacando-os como elementos perturbadores e das forças psicológicas que atuam em um conflito.

Em alguns casos, ocorre uma guerra irregular, quando se referem a grupos armados que não fazem parte das forças armadas

regulares de um estado ou nação. Esses grupos geralmente operam de forma independente e muitas vezes fora das estruturas e normas tradicionais do sistema militar convencional.

Em termos práticos, guerra irregular é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional. Ou seja, é a guerra travada por uma força não regular⁴.

Um exemplo de guerra irregular são as revoltas, que são uma forma de resistência organizada contra uma autoridade estabelecida, muitas vezes com o objetivo de provocar mudanças políticas, sociais ou econômicas. Ao contrário da guerra, que pode envolver múltiplos atores e ser mais abrangente, uma revolta geralmente é liderada por um grupo interno insatisfeito.

Esse grupo muitas vezes conta com o apoio da população local que pode proporcionar uma



contribuição de nível tático muito grande.

Moradores locais são capazes de dar suporte às forças irregulares no nível tático, viabilizando, direta e indiretamente, o funcionamento dos diferentes sistemas operacionais. Em termos estratégicos, podem, com o seu apoio, prorrogar por tempo indeterminado o término do conflito⁵.

Ainda segundo Visacro⁶ o apoio da população local pode acarretar alguns desafios que colocam em risco a sua integridade física e material, como por exemplo, de reduzir ao máximo os danos colaterais, isto é, a ocorrência de baixas entre civis inocentes e a destruição de seu patrimônio.

Embora possa haver o uso de meios armados em uma revolta, não é necessariamente uma condição prévia. As revoltas podem incluir formas não violentas de resistência, como protestos e desobediência civil.

Outro exemplo seria a guerra civil que é um tipo específico

de conflito armado que ocorre dentro de um país, envolvendo grupos ou facções rivais que são compostos, em sua maioria, por cidadãos do próprio país.

Nesse tipo de conflito, diferentes partes dentro do mesmo Estado estão em oposição, muitas vezes lutando por controle político, territorial, étnico ou ideológico.

As facções envolvidas na guerra civil geralmente têm alguma relação com a população do país em questão. Isso pode incluir grupos étnicos, religiosos, políticos ou outras divisões internas. A luta ocorre principalmente dentro das fronteiras do próprio país, embora as repercussões possam afetar áreas vizinhas.

As causas da guerra civil são frequentemente relacionadas a disputas pelo controle político, diferenças ideológicas ou questões de poder interno. As guerras civis geralmente são prolongadas e complexas, com mudanças frequentes no controle territorial e a participação de múltiplos gru-



pos, e, muitas vezes, resultam em um impacto significativo sobre a população civil, incluindo deslocamento em massa, violações dos direitos humanos e crises humanitárias.

Exemplos notáveis de guerras civis incluem a Guerra Civil Americana (1861-1865) e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

A natureza complexa e devastadora desses conflitos torna a resolução das guerras civis um desafio considerável, muitas vezes exigindo esforços diplomáticos, acordos de paz e, em alguns casos, intervenção internacional para buscar soluções duradouras.

A história do mundo poderia ser escrita como uma sequência de guerras entre clãs, tribos, nações e impérios. Inúmeras guerras, registradas ou não, aconteceram nos últimos dez mil anos. Certamente, a paz é uma condição mais normal que a guerra, mas a guerra e a paz estão unidas em sua causa. Assim, um período memorável de paz de-

pende do resultado da guerra anterior e da imposição desse resultado. A paz entre as nações de uma determinada região é geralmente resultado de um acordo baseado na classificação de importância de cada uma delas, o qual é fruto de uma guerra ou de uma ameaça de guerra⁷.

Como exemplo, a Guerra Civil Americana, que ocorreu entre 1861 e 1865, foi um dos eventos mais impactantes na história dos Estados Unidos. Este conflito entre os estados do norte, conhecidos como a União, e os estados do sul, que formaram os Estados Confederados da América, foi motivado por uma série de questões complexas, sendo a principal delas a disputa sobre a escravidão.

Disputa caracterizada pelas diferenças econômicas e sociais entre o norte industrializado, que dependia em grande parte do trabalho assalariado, e o sul agrário e que utilizava o trabalho escravo.



Inicialmente, registrou-se uma tendência de alinhamento entre o Oeste e o Sul, fácil de ser explicada uma vez que a via de desenvolvimento do capitalismo no Sul se apoiava numa oferta elástica de terras, e numa oferta inelástica de trabalho escravo⁸.

A questão da escravidão tornou-se o catalisador que aprofundou as divisões, pois os estados do sul resistiam a qualquer tentativa de abolição ou restrição aos seus direitos de possuir escravos, além da questão da escravidão, divergências políticas e a disputa pelo equilíbrio de poder entre os estados também contribuíram para o desencadeamento do conflito.

A questão da soberania estadual versus poder federal foi um tema central. Os estados do Sul acreditavam na supremacia dos estados individuais sobre o governo federal e temiam que o governo central interferisse em seus direitos.

A eleição de Abraham Lincoln em 1860, um presidente antiescravagista, foi o gatilho

final que levou à secessão dos estados do Sul. Em 1861, o conflito eclodiu com o ataque a Fort Sumter. A Guerra Civil Americana foi marcada por batalhas sangrentas e estratégias militares inovadoras. A introdução de tecnologias como ferrovias, telefones e a utilização de novas táticas de guerra mostrou uma mudança significativa na natureza do conflito.

A Guerra Civil Americana terminou em 1865, com a rendição do general confederado Robert E. Lee. A vitória da União consolidou a preservação da nação, mas as cicatrizes do conflito perduraram por muito tempo. O período de reconstrução que se seguiu trouxe desafios significativos na tentativa de reconciliar os estados do sul com o restante do país e garantir a igualdade para os afro-americanos libertados.

A Guerra Civil Americana foi um ponto crucial na história dos Estados Unidos, moldando profundamente a nação. Além de resolver a questão da escravidão,



ela redefiniu a União, reafirmando a importância da preservação da nação e dos ideais de liberdade e igualdade para todos os americanos.

Os Estados Unidos foram preservados e ao mesmo tempo profundamente transformados pela Guerra Civil. Do ponto de vista político, a Federação fortaleceu-se, o que significou maior peso do governo central nos processos de tomada de decisão, em detrimento do poder dos estados. Em termos jurídicos. Foram aprovadas três novas emendas à Constituição que representam o sepultamento definitivo da herança colonial: pela 13ª Emenda, os negros tornaram-se homens livres. Pela 14ª Emenda, todos os cidadãos do país foram equiparados em direitos e deveres, mesmo que isso pudesse eventualmente contrariar as constituições estaduais. Pela 15ª, foi garantido o direito de voto a todos os cidadãos, sem distinção de raça, cor ou condição social⁹.

O legado desse conflito ressoa até os dias de hoje, lembrando-nos da importância de superar divisões internas em busca de um futuro mais unificado e justo.

do-nos da importância de superar divisões internas em busca de um futuro mais unificado e justo.

Com efeito, até hoje a Guerra de Secessão representa o maior evento da história americana, uma vez que ali foram fincadas as bases daquilo que se tornaria, mais tarde, o Estado mais poderoso da face da Terra¹⁰.

Sobre o conflito armado, o termo refere-se a qualquer situação em que há o uso da força armada entre partes opostas. Pode abranger desde conflitos locais e regionais até conflitos de maior escala que não atingem necessariamente o status de guerra.

Sobre a Guerra Civil Espanhola foi um conflito armado que ocorreu na Espanha entre 1936 e 1939. Foi desencadeada por uma série de eventos políticos, sociais e econômicos que polarizaram a sociedade espanhola da época. Alguns dos principais fatores incluíram a polarização política entre forças de esquerda e de



direita, as tensões sociais resultantes da desigualdade econômica e a instabilidade política que se seguiu à Segunda República Espanhola.

Economicamente a guerra deixou o país em uma situação de extrema indigência. A indústria demoraria muitos anos para recuperar a produtividade da época anterior ao conflito e o campo não produziria alimentos suficientes para atender às necessidades das famélicas cidades. Estradas e caminhos de ferro ficaram impraticáveis em muitos pontos, em razão dos efeitos dos combates, e a gasolina era um bem raro¹¹.

Com o aumento dos gastos públicos durante a guerra, muitas vezes financiado pela emissão de moeda, pode levar à inflação. A degradação do valor da moeda pode impactar negativamente o poder de compra e a estabilidade econômica, ocasionado ainda pela interrupção da produção e do comércio, levando a uma diminuição na atividade econômica.

Comunicam de Barcelona que nos últimos dias tem escasseado vários alimentos, principalmente pão, o que tem causado grande inquietação no seio da população. As autoridades atribuem escassez à influência de fugitivos que aumentam consideravelmente. Como milhares de mulheres estiveram no Palácio da Generalidade pedindo pão para seus filhos, o governo decidiu comprar cereais do estrangeiro para assegurar nas próximas semanas o abastecimento de pão na capital e em toda Catalunha¹².

Os conflitos armados podem ser internacionais, ocorrendo entre diferentes estados, ou internos, envolvendo grupos dentro de um mesmo estado.

Em resumo, enquanto a guerra é um termo abrangente que descreve conflitos em larga escala entre entidades, o conflito armado refere-se ao uso da força armada, podendo ser mais amplo em sua aplicação. A revolta, por sua vez, é uma forma específica de descontentamento social que pode ou não incluir elementos



armados, mas que visa principalmente a contestação do status quo em uma sociedade. Cada termo carrega nuances distintas e é crucial compreender suas diferenças para uma análise precisa de situações de conflito.

A (IN)COMPREENSÃO DA GUERRA

Para Clausewitz¹³, estrategista militar prussiano e teórico da guerra do século XIX, articula seu conceito fundamental de guerra como “a guerra é a continuação da política por outros meios”, essa afirmação é central para a compreensão de seu pensamento, onde ele argumenta que a guerra não é um fenômeno isolado ou desconectado, mas está intrinsecamente ligada à política.

Acreditando que a guerra não é uma atividade autônoma, mas sim um instrumento utilizado pelos Estados para alcançar objetivos políticos específicos e

ênfatizando a natureza dinâmica e imprevisível da guerra.

A guerra pode ser de dois tipos, no sentido de que o seu propósito pode ser derrotar o inimigo - torná-lo politicamente incapaz ou militarmente impotente, forçando-o assim a assinar qualquer tratado de paz que nos agrade, ou meramente ocupar algumas das suas regiões fronteiriças, de modo que possamos anexá-las ou utilizá-las como moeda de troca nas negociações de paz¹⁴.

Desta forma, a guerra é descrita como uma atividade complexa, influenciada por fatores emocionais, intelectuais e sociais. Sua obra influenciou significativamente o pensamento militar e estratégico, e seu conceito de guerra como uma extensão da política continua a ser uma ideia central nos estudos militares e nas relações internacionais.

Uma guerra é um fenômeno complexo que pode ser influenciado por uma variedade de fatores. Entre os elementos princi-



pais que podem desempenhar um papel significativo na eclosão e condução de uma guerra estão as disputas políticas e ideológicas entre nações, grupos étnicos ou facções podem levar a conflitos armados.

Diferenças fundamentais nas crenças, valores e objetivos políticos muitas vezes desempenham um papel crucial, bem como, quando relacionados à posse de territórios podem ser uma causa importante de guerra.

A finalidade da guerra é alcançar um objetivo político, pelo que os objetivos militares decorrem dessa dependência. Além do mais, como a atividade política não termina com o início da guerra, durante a sua conduta as considerações políticas continuam a exercer a sua influência nas operações militares¹⁵.

Fronteiras mal definidas, reivindicações territoriais sobrepostas e disputas por recursos estratégicos são exemplos.

Outro elemento importante são os recursos econômicos, co-

mo petróleo, gás natural, minerais e terras agrícolas, pode desencadear hostilidades. A busca por vantagens econômicas pode contribuir para tensões entre as nações.

Tensões que são ampliadas ao extremo quando estão envolvidas as diferenças étnicas e religiosas muitas vezes desempenham um papel nas guerras, especialmente em regiões onde diferentes grupos coexistem. Conflitos podem surgir de tensões históricas ou de tentativas de dominação de um grupo sobre outro, como o corrido nas duas grandes guerras mundiais.

Dominação relacionada às questões de poder, em busca por influência global e regional, juntamente com a busca por hegemonia, pode levar os estados a se envolverem em confrontos armados para afirmar sua posição no cenário internacional.

Esse mesmo cenário internacional que condena os atos ou ações de um conflito, que monitora as causas humanitárias envolvidas no contexto do conflito,



como a violência étnica, genocídios, violações dos direitos humanos e crises humanitárias podem levar a intervenções militares em nome da proteção de civis ou para conter atrocidades.

Atrocidades que podem ser ainda maiores em um conflito ocasionados pela incapacidade de resolver disputas por meio de meios diplomáticos pode levar a uma escalada do conflito. A falta de diálogo efetivo entre as partes envolvidas pode contribuir para a deterioração das relações e o aumento das hostilidades.

A causa profunda da guerra é a intenção hostil, não o sentimento de hostilidade. A maior parte das vezes, quando há intenção hostil dos dois lados, as paixões e o ódio não tardam a animar os combatentes; contudo, em teoria pode-se conceber uma grande guerra sem ódio¹⁶.

Hostilidades que são ampliadas pelas desigualdades econômicas e sociais podem criar tensões dentro de um país e levar a movimentos de revolta ou

rebelião, resultando em conflitos armados internos e que podem também influenciar nas mudanças e na distribuição de poder entre nações ou grupos podem desencadear a busca por reequilíbrio ou o estabelecimento de uma nova ordem mundial, levando a conflitos armados.

A guerra somente é ganha quando o adversário submete-se à nossa vontade. Para isto, avaliam-se os meios de que ele dispõe, proporcionando-se em consequência o esforço a ser feito. Contudo, a vontade de resistência não pode ser medida. O adversário age do mesmo modo; e, como cada um aumenta a sua pressão para fazer face à vontade hostil do adversário, a competição leva a extremos¹⁷.

É importante notar que esses fatores frequentemente interagem de maneiras complexas, e as guerras geralmente resultam de uma combinação de vários elementos. O entendimento desses fatores é crucial para a análise e a prevenção de conflitos armados.



A guerra é essencialmente uma luta, porque a luta é o único elemento eficaz nas inúmeras atividades geralmente denominadas guerra. A luta, por sua vez, é um teste de forças morais e físicas, por intermédio das últimas¹⁸.

As consequências de uma guerra para a população civil são profundas e frequentemente devastadoras. Os impactos abrangem diversos aspectos da vida cotidiana e podem persistir por gerações.

A perda de vidas é a consequência mais direta e trágica da guerra. Civis muitas vezes se tornam vítimas de combates, bombardeios, ataques indiscriminados e outras formas de violência. Pessoas são forçadas a abandonar suas casas e comunidades em busca de segurança, resultando em crises de refugiados e deslocamento interno, bem como, o deslocamento em massa da população.

A atividade militar nunca é dirigida apenas contra uma

força material. Ela visa sempre, simultaneamente, as forças morais que lhe dão vida, e as duas não podem ser separadas. Mas os valores morais só podem ser percebidos pelo olho interior, que é diferente em cada pessoa e, muitas vezes, é diferente na mesma pessoa em momentos diferentes¹⁹.

A infraestrutura civil, incluindo casas, escolas, hospitais, estradas e instalações públicas, pode ser gravemente danificada ou destruída durante os conflitos armados. Isso compromete o funcionamento normal da sociedade. A guerra muitas vezes interrompe o acesso a recursos básicos, como alimentos, água potável e serviços de saúde. A escassez resultante pode levar a crises humanitárias e à propagação de doenças.

Contudo, o conflito pode desestabilizar as estruturas sociais e comunitárias, levando ao colapso da coesão social. Isso pode resultar em divisões étnicas, religiosas ou sociais que persistem por longos períodos, como por



exemplo, pode interromper o sistema educacional, levando à falta de acesso à educação para muitas crianças e jovens. As escolas são frequentemente fechadas, e o ambiente inseguro prejudica o aprendizado.

No âmbito econômico, a economia de uma região afetada pela guerra sofre danos significativos, com a destruição de empresas, perda de empregos e uma diminuição geral da produção econômica.

Mesmo após o fim dos combates, as comunidades continuam a enfrentar desafios significativos na reconstrução e na superação das consequências a longo prazo, incluindo a gestão de munições não detonadas, a reconciliação e a reconstrução social.

Essas consequências ilustram a extensão do sofrimento humano e dos desafios enfrentados pela população civil em áreas afetadas por conflitos armados. Além disso, os impactos da guerra podem criar ciclos intergeracionais de pobreza e trauma, perpetuando os desafios muito

além do período de combate ativo.

A proteção e assistência aos civis em tempos de guerra são preocupações humanitárias fundamentais. Uma guerra pode ter efeitos devastadores sobre a economia de um país, afetando diversos setores e causando impactos em longo prazo, Magnoli²⁰ destaca que as causas estruturais de um conflito bélico ligam-se aos interesses econômicos e políticos subjacentes às relações entre os contendores.

Algumas das consequências econômicas mais comuns incluem a destruição de Infraestrutura, resultando na destruição de infraestruturas cruciais, como estradas, pontes, portos, fábricas e instalações energéticas. A reconstrução dessas estruturas demanda recursos significativos e pode levar anos ou décadas para serem finalizadas.

A perda de capital humano, levando à perda de vidas e à migração de habilidades e talentos, prejudicando a força de trabalho e a produtividade em longo pra-



zo, ocasionando ainda o deslocamento da população, com pessoas fugindo de áreas de conflito, podendo criar uma pressão adicional sobre os recursos e serviços nas regiões para as quais as pessoas se deslocam, segundo Tolstói²¹ para a liberdade humana, a guerra é o mais penoso ato de submissão às leis divinas.

Estes fatores podem ampliar a dívida pública, pois muitos países financiam guerras por meio de empréstimos, aumentando o endividamento, resultando em elevadas dívidas públicas, comprometendo a capacidade do país de investir em desenvolvimento econômico e social, outro fator determinante é a inflação.

Outro fator agravante são os custos com a saúde e a assistência social, uma guerra gera demandas adicionais nos sistemas de saúde e assistência social, os custos associados ao tratamento de feridos, reabilitação e apoio a populações deslocadas podem sobrecarregar os recursos do governo.

A instabilidade decorrente da guerra pode desencorajar investidores estrangeiros, prejudicando o crescimento econômico em longo prazo. A percepção de risco associada ao país pode persistir mesmo após o fim do conflito, principalmente pela desvalorização da moeda, a incerteza econômica e a degradação das condições de mercado podem levar à desvalorização da moeda, afetando negativamente o comércio internacional e as transações financeiras.

Mesmo após o fim dos combates, os custos da reconstrução e reabilitação podem ser substanciais. A recuperação econômica pode ser um processo lento e desafiador.

Essas consequências combinadas podem criar um ciclo de pobreza, dificultando a recuperação econômica e social do país afetado. A reconstrução pós-guerra requer esforços coordenados, assistência internacional e estratégias econômicas cuidadosas para superar os desafios sig-



nificativos que surgem de um conflito armado.

CONCLUSÃO

A guerra tem implicações econômicas profundas, resultando na destruição de recursos, interrupção da produção e comércio, aumento da dívida pública e desvalorização da moeda. Além disso, os custos humanos e econômicos pós-guerra podem persistir por longos períodos, criando desafios importantes para a residência e o desenvolvimento sustentável.

Em uma perspectiva ética, pensadores como Aristóteles ponderavam sobre a natureza da guerra, defendendo sua justiça quando empregados em defesa da comunidade e da preservação da paz. No entanto, a preferência pela paz e a busca por soluções diplomáticas são aspectos destacados em muitas abordagens filosóficas.

A compreensão da guerra requer uma análise holística que

considere não apenas os aspectos militares, mas também os contextos políticos, sociais, econômicos e éticos. Diante dos desafios globais, a busca por meios não violentos de resolução de conflitos, o fortalecimento das instituições internacionais e o compromisso com a justiça e a equidade emergem como elementos fundamentais na promoção da paz e na prevenção de conflitos armados.

BIBLIOGRAFIA

A FOME começa assolar Barcelona. *A Federação*, Porto Alegre, ano LIII, n. 294, 28 dez. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pas-ta=ano%20193&pesq=&pagfis=80998>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ARISTÓTELES. *A política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2024.



ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BARROSO, Luis Fernando Machado. *As relações civis-militares e o controlo do uso da força*. Uma perspectiva Clausewitziana. In. GARCIA, Francisco Proença; LOUSADA, Abílio Pires. *Da história militar e da estratégia: estudos de homenagem ao General Loureiro dos Santos*. Lisboa: Exército Português, 2013. p. 167-180.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. 2.ed. São Paulo: Editora Fundamento, 2008.

BUADES, Josep Maria. *A guerra civil espanhola*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Trad. VALLE, Luiz Carlos Nascimento e Silva do. [s.l.: s.n.], 1984.

MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MARTIN, André. *Guerra de secessão*. In. MAGNOLI, Demétrio. Org. *História das guerras*. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 219-251.

TOLSTÓI, León. *Guerra e paz*. Tradução de Gustavo Nonnenberg. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimento de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009.



NOTAS

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – pós-graduação História da Guerra – Faculdade Fleming.

² ARISTÓTELES. *A política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2024.

³ CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. Trad. VALLE, Luiz Carlos Nascimento e Silva do. [s.l.: s.n.], 1984, p. 110.

⁴ VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimento de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009, p.14.

⁵ *Ibid.*, p.238.

⁶ *Ibid.*, p.241.

⁷ BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. 2.ed. São Paulo: Editora Fundamento, 2008, p. 298.

⁸ MARTIN, André. *Guerra de secessão*. In. MAGNOLI, Demétrio. Org. História das guerras. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 227.

⁹ *Ibid.*, p. 248.

¹⁰ *Ibid.*, p. 220.

¹¹ BUADES, Josep Maria. *A guerra civil espanhola*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2024, p. 296.

¹² A FOME começa assolar Barcelona. *A Federação*, Porto Alegre, ano LIII, n. 294, 28 dez. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=80998>. Acesso em: 15 jan. 2024.

¹³ CLAUSEWITZ, op.cit., p. 70.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ BARROSO, Luis Fernando Machado. *As relações civis-militares e o controlo do uso da força*. Uma perspectiva Clausewitziana. In. GARCIA, Francisco Proença; LOUSADA, Abílio Pires. Da história militar e da estratégia: estudos de homenagem ao General Loureiro dos Santos. Lisboa: Exército Português, 2013, p.180.

¹⁶ ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p.69.

¹⁷ *Ibid.*, p.70.

¹⁸ CLAUSEWITZ, op.cit., p. 137.

¹⁹ *Ibid.*, p. 150.

²⁰ MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p.26.

²¹ TOLSTÓI, León. *Guerra e paz*. Tradução de Gustavo Nonnenberg. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, cap. 1.